

DOS SEGREDOS DE CASCAIS

JOSÉ d'ENCARNAÇÃO

EDIÇÕES COLIBRI

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

DOS SEGREDOS DE
CASCAIS

JOSÉ d'ENCARNAÇÃO

*Para os meus queridos Amigos
Pedro José de Cande Duarte
e Afonso Cande,
Com um forte abraço
Cascais, Natal de 2009*

José d'Encarnaçãõ

EDIÇÕES COLIBRI

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Encarnação, José d', 1944-

Dos Segredos de Cascais. – (Extra-colecção)

ISBN 978-972-772-952-4

CDU 908

Título: Dos Segredos de Cascais

Autor: José d'Encarnação

Edição: Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais

Fotografia: Filipe Guerra e Guilherme Cardoso

Concepção gráfica: Luís Nazaré Gomes

Depósito legal: 303 014/09

ISBN: 978-972-772-952-4

Impressão: SIG - Sociedade Industrial Gráfica

Tiragem: 2000 exemplares

Lisboa, Dezembro de 2009

Apoios: Jornal da Região

Juntas de Freguesia de Alcabideche, de Carcavelos,
de Cascais, do Estoril e da Parede



IBNE MUCANA

UM ARAUTO DA LIBERDADE

Poderia parecer estranho, à primeira vista, que uma escola escolhesse para patrono um nome assim tão raro, aliás de escrita vária e difícil: Mucane, Mucana, Muqâna...

E o vulgar cidadão interrogar-se-á sobre a causa de tão inusitada designação, quando por aí pululam escritores de nomeada, homens do Teatro, da Ciência... que poderiam muito bem ser padrinhos da escola de uma terra tão vetusta como Alcabideche.

Ora aí residirá, decerto, a razão: é Alcabideche uma terra vetusta. Já o dissemos, a propósito da sua igreja matriz (*Cascais e os Seus Cantinhos*, p. 163-166); já a Ibne Mucana nos referimos quando evocámos os seus moinhos (*ibidem*, p. 198-200).

E se não parece oferecer dúvida que o topónimo proveio de “ad caput aquas”, expressão latina que significa “à da nascente das águas”, numa alusão ao abundante veio da Atrozela, também não se estranhará que, alguns séculos mais tarde, os Árabes, tão ligados ao concreto como eram, do nome antigo se hajam apropriado, transformando-o em Alcabideche, como, perto de Condeixa-a-Velha, existe Alcabideque, sítio do pujante manancial que alimentava a romana Conimbriga e ainda hoje dá de beber a boa parte do concelho de Condeixa-a-Nova.

Pois é de Árabes que importa falar, se algo se quer saber da vida e obra de Ibne Mucana.

Já sobre ele escreveram notáveis arabistas portugueses, sendo de realçar o lugar que lhe merece a já clássica antologia *Portugal na Espanha Árabe*, da autoria do Prof. António Borges Coelho.

A esse propósito, assumindo-se como crítico literário, Júlio Conrado escreveu, no jornal *Diário Popular* em 1981, um texto analítico que integrará, em 1986, no livro *Olhar a Escrita*, uma colectânea de críticas literárias suas. Desse comentário se falará mais adiante.

Entretanto, recorde-se que, de colaboração com a Junta de Freguesia de Alcabideche – a que, em segunda edição, se associou a Escola Secundária Ibn Mucana – a Associação Cultural de Cascais promoveu a edição completa dos poemas conhecidos, solicitando a uma arabista clássica de nomeada, a Prof^a. María de Jesús Rubiera Mata, da Universidade de Alicante, que, aproveitando os textos, nos traçasse igualmente a biografia do poeta. A primeira edição saiu no n.º 3 de *Al-Qabdaq*, Boletim Cultural da Junta de Freguesia de Alcabideche a que presidiu José Manuel Martins Fernandes, em 1993; a segunda já foi da iniciativa exclusiva da Associação Cultural de Cascais, em 1996, com o título *Ibn Muqãna de Alcabideche*.

Os moinhos de vento

E poderá perguntar-se, logo de início, que relação há entre Ibn Mucana e os moinhos, que são o ex-libris de Alcabideche. Muito simples: é que

foram os Árabes, como se sabe, os introdutores dos moinhos de vento na Europa. E a primeira referência literária a estes engenhos vem, precisamente, num dos mais conhecidos e mais completos poemas de Ibne Mucana.

Na versão de Rubiera Mata – que, por sinal, um conhecido docente de Árabe haveria de criticar – não se fala exactamente em ‘moinhos’, que, decerto, a palavra não existia no vocabulário corrente. Rubiera Mata preferiu traduzir mais à letra o texto clássico e Pepita Tristão, a tradutora da versão espanhola em que a professora alicantina escrevera, manteve essa designação: “a nora das nuvens”. Diga-se de passagem que, para imagem poética, não poderia ser melhor, acho eu... Os Árabes sabiam da nora; mas estas eram movidas não pela água mas pelo vento!...

A vida em Alcabideche...

O referido poema é, na sequência cronológica estudada por Rubiera Mata, o último que se lhe conhece.

Regressado à sua terra natal, Ibne Mucana dedica-se à agricultura e proclama que, se houver trabalho, não faltarão o grão nem as cebolas nem as abóboras. Não será muito fértil a terra; mas também não interessará produzir muito, porque arriscamo-nos a que venham por aí, encosta da serra abaixo, manadas de javalis para tudo devorarem.

Tem-se discutido o significado desta frase: trata-se de javalis reais ou de javalis outros, também eles sedentos de farto pasto? E se a primeira hipótese não é despicienda, pois nada impede que, na Serra de Sintra, então medrassem javardos, igualmente se afigura possível considerar que tais “javalis” serão os cobradores de impostos, os “predadores humanos”, como eufemisticamente lhes chama Rubiera Mata.

Uma vida errante

Pouco sabemos da vida do poeta, embora – como se disse – a análise dos escritos que deixou permita traçar uma panorâmica, ainda que entrecortada, da sua existência como “poeta itinerante que, em meados do século XI, percorreu, na Andaluzia, vários reinos de taifas” – como era hábito, então.

Versejava aqui; accitaria fazer para outrem um cântico de amor acolá; vestiria ora a pele de mancebo apaixonado, ora a de amante donzela. Tal como os trovadores, que faziam "cantigas de amigo" e... eram homens!

Os amores...

Vem esta observação a propósito de um tema abordado por Júlio Conrado na crítica atrás referida. Sugere J. Conrado que Ibne Mucana poderá ter sido um homossexual: "um Mucana ao serviço mundano, bem integrado na corte malaguenha, organizando habilmente a sua rede de lisonjas ao soberano, mas não só: o poema 'dá' a atmosfera licenciosa de uma reunião masculina, na qual indícios de homossexualidade se detectam à transparência:

"Agrada beber com mancebos nobres e generosos
que trocam entre si ademanes de galantaria".

E no mesmo poema se diz que o rosto do copeiro é "belo como uma gazela", e que "é admirável contemplar o azeviche do seu cabelo no marfim da sua frente" (p. 34-35).

Se se ler, porém, o livro de Rubiera Mata, verificar-se-á que tudo não passa de imagens ligadas ao "código do amor cortês árabe": aqui, a descrição de uma festa em que se faz o panegírico do califa Hammudi. Poder-se-lhe-iam, por isso, contrapor, com sobejo valor, os versos seguintes, de inegável beleza e... heterossexualidade:

"As donzelas correram pelas dunas como correm as estrelas no céu; apareceram ante nós com os seios perfumados, rivalizando com a beleza do sol nascente. Tinham corpos delgados, pálpebras lânguidas e moviam os cabelos como se fossem mantos. Ternas cinturas, belas faces, seios pequenos, pescoços esbeltos...".

Um hino à liberdade!

Mas, sem dúvida, o que torna de flagrante actualidade a obra de Ibne Mucana pode consubstanciar-se na breve história que transparece do já referido poema de Alcabideche:

"Deixei os reis cobertos com os seus mantos, deixei de ir em seus cortejos. Converti-me, em Alcabideche, em colhedor de espinhos com uma foice

guarnecida e afiada. E se me perguntam: Gostas? Respondo-lhes: «O amor à liberdade faz parte do coração nobre»”.

Há aqui, naturalmente, uma imagem literária: o regresso à terra como fonte de felicidade. No entanto, algo se proclama também: é fonte de liberdade!

08-08-2001